

VASP - onde você voa com quem gosta.

Em exposição, um Mário de Andrade inédito: o fotógrafo

Cerca de 40 fotografias do escritor Mario de Andrade serão mostradas na Escola de Artes Visuais do Rio (Parque Laje), a partir de hoje. A exposição denominada "Mario de Andrade fotógrafo: turista aprendiz", foi realizada com a utilização de parte do acervo adquirido a família do escritor pelo Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo.



Carlos Augusto Calil, o organizador da exposição

Uma faceta totalmente desconhecida da personalidade de Mario de Andrade será mostrada pela Escola de Artes Visuais do Rio a partir de hoje. Do acervo pessoal do escritor foram selecionadas 40 dentre 700 fotografias, feitas entre 1927 e 1929, durante suas viagens etnográficas pelo Norte e Nordeste do Brasil. Segundo um dos organizadores da exposição, Carlos Augusto Calil, assessor da Secretaria Municipal de Cultura de São Paulo, o objetivo é revelar mais um lado da personalidade de Mario que a maior parte das pessoas desconhece. — Não que ele tenha sido um excelente fotógrafo — explica — mas porque sempre esteve consciente da fotografia como linguagem, e por isso teve a preocupação de ultrapassar o convencional.

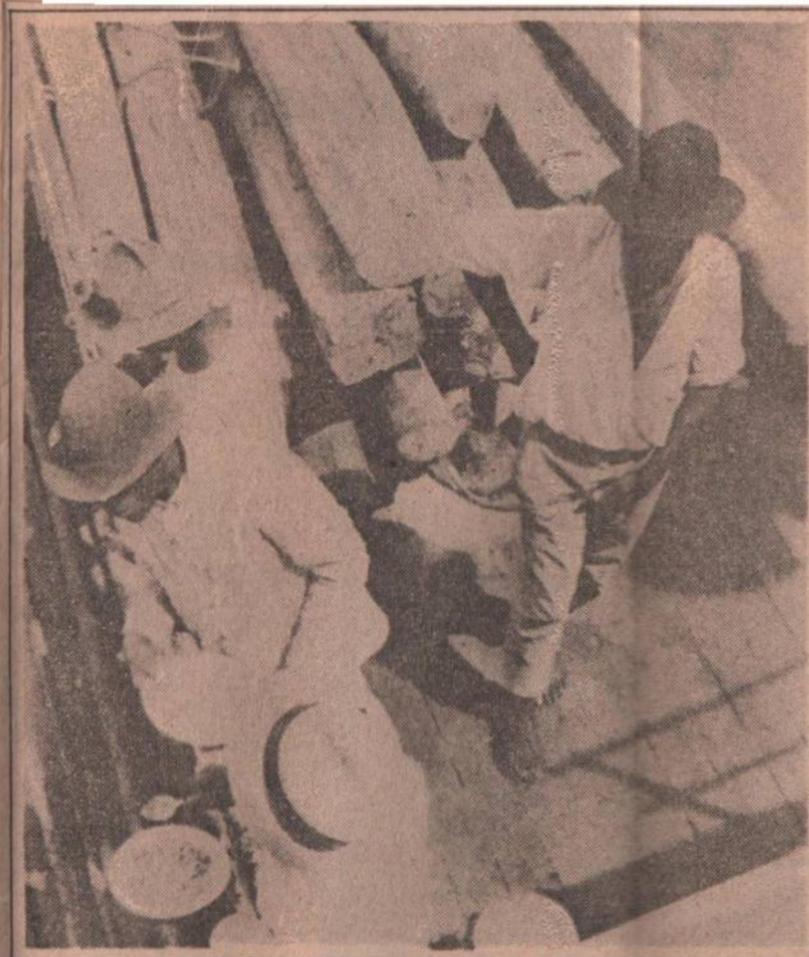
A ideia de compilar todo esse material e mostrá-lo ao público surgiu a partir da publicação do livro de Mário "Turista aprendiz", em meados de 77, com manuscritos recolhidos pela pesquisadora Telê Porto Ancora Lopez, que também organizou a mostra atual. Carlos Augusto Calil e a pesquisadora resolveram programar duas exposições em São Paulo, durante a Semana Mário de Andrade, reconhecida oficialmente por decreto municipal.

A primeira exposição foi centrada no livro e a outra baseada em objetos e documentos recolhidos pelo escritor, durante suas viagens. Segundo Carlos Augusto Calil, essa exposição motivou todo o restante de trabalho.

— Havia de tudo, desde a bengala que ele usou na viagem, passando pela cuia que comprou em Santarém, até chegar às partituras musicais que ele escreveu no Nordeste. Desde o pitoresco até caricaturas dele desenhadas por um artista peruano. Nos verificamos que os 700 negativos nunca tinham sido mostrados como uma forma de linguagem e sim como ilustração de seus livros. Pensamos no assunto e resolvemos mostrar o material com o tratamento que esta sendo dado. Em São Paulo a exposição chamou-se "Aprendiz de fotógrafo", e aqui "Turista aprendiz".

No Rio os trabalhos fotográficos de Mário de Andrade serão mostrados em três momentos. No primeiro que é fotografia conceitual, pode-se observar paisagens colhidas com uma preocupação formal. Em seguida vêm os retratos, e depois as fotografias de flagrantes etnográficos — desde a remanescente indígena que o próprio Mario supõe ser um tapuia, até tipos de habitação da região por onde passava no momento.

O cuidado que Mário deu aos negativos, organizando-os em álbuns e anotando; ao lado, legendas de indiscutível valor poético, deixa a impressão de que o escritor pretendia continuar suas experiências no campo da arte fotográfica. A prova disso é que fazia todas as anotações técnicas ao lado das fotos, abertura do diafragma da máquina, hora do dia, intensidade da luz solar etc.



Uma das fotografias de Mario de Andrade expostas na Escola de Artes Visuais

Contudo, em que pese o tratamento pouco convencional que deu às fotografias Mario de Andrade, se mostra através delas, conforme diz aliás o título da exposição de São Paulo, um aprendiz de fotógrafo. Nas dimensões originais — 6,1x3,7 cm — as fotografias apresentavam aspecto desigual e defeitos técnicos que foram corrigidos com a ampliação. Também eram poucos os recursos de que Mario dispunha, já que fotografava com uma primitiva *codaque*, como gostava de escrever o nome da máquina.

A ampliação dos trabalhos deu outra dimensão às fotografias, conforme atesta Carlos Augusto Calil:

— Ampliadas, as fotos ganharam outro valor, e é bem provável que o próprio Mario não tivesse conhecimento disso. Era todo um material que estava esquecido e que tinha que ser mostrado. Mesmo as pessoas familiarizadas com a sua obra ficam surpreendidas com as fotografias. E como no filme "Blow up", de Antonioni: ampliando e descobrindo coisas que não eram vistas anteriormente, através de uma viagem para dentro do objeto.

A faceta de Mario manifesta através de suas fotografias mostra também que ele sempre teve consciência de seu papel de intelectual, mesmo atuando em outros setores. Em 1920, a fotografia como uma forma de linguagem era amplamente discutida em todo o país, e o escritor não podia passar ao

largo da discussão. Levou-a ao campo prático. Já que pensava tão bem a cultura brasileira, não ia ficar vacilante com aquela nova forma de linguagem que era discutida em todos os cantos. O contato do intelectual com a fotografia e explicado pela pesquisadora Telê Ancora Lopez da seguinte forma:

— Percebe-se que Mario esta consciente da fotografia como linguagem e que se arrisca a explorá-la, fugindo ao convencional, quando tenta cortes, *closes*, toma as figuras de costas ou busca a plasticidade em composições geometrizarantes. Eises dados se repetem mesmo quando o próprio Mario e fotografado na viagem a Amazônia; por aí vemos que nada lhe escapava ao controle. Utilizando expressões como "ritmo" e "equilíbrio", as legendas nos falam do interesse do "turista" por analisar as cenas e imagens captadas.

"Na verdade eu estou sentado nestes trilhos de Porto Velho por causa das borboletas que estão me arrodando, amarelinhas, e a objetiva se esqueceu de registrar. Era para fotografar as borboletas". sol-1, diaf-2, 11-VII-27, 12 e 30". (legenda escrita por Mario para uma foto de 1927)

Paralela a mostra de fotografias, a Escola de Artes Visuais vai promover um seminário sobre o pensamento de Mario de Andrade. E a seguinte a programação: Hoje — palestra de João Luiz Lafeta sobre a obra poética do escritor e audiovisual sobre a Semana de 22; dia 9 — apresentação dos curtas

"A casa de Mario", de Rui Santos, e "Klaxon", de Sergio Santeiro, seguidos da palestra de Luis Carlos de Brito sobre "O banquete"; dia 9 — apresentação do documentário "São Paulo,

sinfonia de uma cidade (1922)" e da palestra de José Miguel Winski sobre a visão musical de Mario; dia 10 — Gilda de Melo falara sobre a fotografia e a pintura de Mario de Andrade.

Um dos 350 Mários

FREDERICO MORAIS

Mario de Andrade: poeta, prosador, ficcionista. Mario de Andrade: crítico de artes plásticas, de música, de literatura. Mario de Andrade: historiador, etnógrafo, folclorista, musicólogo. Mario de Andrade: jornalista, conferencista, polemista. Mario de Andrade funcionário público, criador do Serviço de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Mario de Andrade modernista, conservador ("disse e repito: não sou futurista"), à esquerda, no centro, entre Oswald e Cassiano. Mario de Andrade, o das cartas, o da língua brasileira. Mario de Andrade em São Paulo, no Rio, aprendiz de turista, no Norte e no Nordeste, nos caminhos e descaminhos de Minas, contando as imagens do Aleijadinho, em Congonhas, cantando o noturno de Belo Horizonte. Mario de Andrade: "ramais: caminho". Mario de Andrade gozador, mulato, solteiro, Macunaima, Janjão. Mario de Andrade no baile das quatro artes, malazartes, belas-arts. Mario certo, cheio de dúvidas. Mario de Andrade, isto e aquilo, o acabado e o inacabado, "sou trezentos, sou trezentos e cinquenta", como diz num poema. E agora, senhores e senhoras, apresentamos a última faceta, o último Mario de Andrade, o fotógrafo. Mas será mesmo o último? Quantos virão depois, quantos ainda serão descobertos?

Mario de Andrade, diz Antônio Bento, seu amigo e personagem do livro "Macunaima": "tinha uma cultura multiforme e extensa. Multiplicou suas atividades em muitos setores e interesses. Deixou obra gigantescamente ampla, que será difícil a qualquer polígrafo, por mais culto que seja, fazer um trabalho satisfatório sobre seus livros e pesquisas. Daqui pra frente o estudo de sua obra só poderá ser feito por grupos de especialistas."

Na Escola de Artes Visuais alguns dos "trezentos, trezentos e cinquenta" Mários de Andrade estarão sendo vistos, lidos, analisados e debatidos em exposições, livros, filmes, audiovisuais, conferências. A série de eventos abre o ano letivo na Escola de Artes Visuais e centralizando-os, uma exposição que vai surpreender a todos: "Mario de Andrade fotógrafo: turista aprendiz". São 40 fotografias escolhidas e copiadas entre os 700 negativos deixados por Mario de Andrade como resultado das viagens que fez ao Norte/Nordeste do país ("Iamos a cata do Brasil", diz Tarsila referindo-se as viagens do grupo modernista). A primeira, pela Amazônia, foi iniciada em maio de 1927, encerrando-se em agosto, a segunda, no Nordeste, realizada entre dezembro de 1928 e fevereiro de 1929. Num envelope, Mario anotou: "Nordeste. Negativos e seus positivos pra ver si podem sair bons em sepia grande cartão postal. Ou

sem ser sepia mesmo". "Aprendiz aplicado, não descuidou de seus negativos" — diz Telê Porto Ancora Lopez — "organizando-os em álbuns e, no verso das copias (mais de 700, tamanho 6,1x3,7 cm, em sua maior parte), anotou legendas. São elas que, ao lado da identificação das imagens em discurso poético, irão desvendar, para nós, a "técnica" do fotógrafo, provavelmente interessado em aprimorar os resultados nas futuras experiências. Tudo isso, permite a estudiosa da obra de Mario de Andrade concluir que mesmo trabalhando com "sua codaque", sem sofisticadas, pretendeu ir além do registro histórico-afetivo". O fotógrafo amador, nessas suas "viagens etnográficas", sobre ser um documentarista atento, tinha veleidades estéticas. Eis porque, das fotos em exposição, a maior parte aparece em sepia, mas algumas são em preto-e-branco. Nestas, é visível a intenção estética, os *closes*, os cortes arquitetônicos, a composição, "o olho do artista". Rica como documentário etnográfico, rica como reportagem histórica-afetiva sobre os modernistas (Oswald de Andrade, Tarsila, a filha desta, os Penteado etc.) a mostra é também uma curtição. "Quando fixa a arquitetura ou a imaginária sacra, insistindo nos detalhes" — diz ainda Telê Porto — "podemos já vislumbrar o futuro criador do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional".

A principal lição da exposição, entretanto, me parece outra: a percepção da máquina fotográfica como um eficaz instrumento de trabalho. Mario ficou conhecido por suas fichas. Fichava tudo o que via e lia. Com suas fichas criou o seu "centro nacional de referência cultural", de forma artesanal foi criando uma memória nacional, espécie de computador ambulante. Antecipou, assim, a era tecnológica. Ao lançar mão da máquina fotográfica, ainda nos anos 20, quis tornar mais eficaz esta documentação. Vivo, talvez estivesse usando, hoje, uma câmara super-8 ou um vide-cassete. Como muitos outros intelectuais, historiadores e artistas, Mário de Andrade descobriu um dia (só que ha 40 anos) a máquina fotográfica. E se encantou com suas possibilidades. E como outros intelectuais, historiadores e artistas, largou-a, também, depois de algum tempo, passada a novidade. Muito do que Mario fotografou tem o sentido ia mencionado de roteiro afetivo e sentimental — seus amigos e amigas, os locais onde esteve, os meios de transporte que usou, a paisagem em torno etc. Fez exatamente o mesmo que muitos fazem hoje com sua câmara super-8. Porém, soumo a isto a meticulosidade do cientista e a sensibilidade do artista. Sabe-se que entre os livros deixados por Mario, alguns abordavam a fotografia como linguagem, como fenômeno estético. Quer dizer, Mario de Andrade valorizou a fotografia como instrumento de trabalho e como linguagem.